

Maciel diz que PFL terá candidato

Vice-presidente condena, porém, o início da disputa entre partidos

Eleição presidencial

Eliane Velloso
do Rio

O vice-presidente da República, Marco Maciel, defendeu ontem no Rio que os partidos aliados do governo se mobilizem para aprovar as reformas constitucionais no Congresso e não antecipem as disputas partidárias por causa da sucessão presidencial. Segundo ele, sua legenda, o PFL, lançará candidato próprio nas eleições de 2002 pois tem um projeto de poder, mas cumprirá o pacto firmado com o governo de manter a aliança até o fim da gestão de Fernando Henrique Cardoso.

Em almoço ontem com executivos de grupos multinacionais europeus organizado pelo Instituto Brasil Europa (IEB), Maciel disse que a aprovação da reforma tributária não vai ser fácil, pois envolve conflitos federativos, mas espera que ocorra ainda este ano. "O presidente da Câmara, deputado Michel Temer (PMDB-SP), me assegurou que a matéria entra em debate neste mês de setembro", disse Maciel, defendendo também que Câmara e Senado apreciem paralelamente os outros projetos de reformas, como política e a previdenciária.

O vice-presidente previu que o governo vai recuperar sua popularidade nos próximos meses, com a retomada do crescimento econômico, que já está ocorrendo. Ele não quis comentar a possibilidade de o governo baixar medidas agora para reverter esse quadro, como uma redução dos preços dos combustíveis ou algum tipo de limitação às taxas de juros cobradas pelos bancos aos seus clientes.

"Esse assunto de combustível eu não vou comentar porque é muito inflamável", disse Marco Maciel. Com relação aos juros, ele concor-

dou com a necessidade de se reduzir as taxas de juros bancárias mas limitou-se a dizer que o Banco Central é que está estudando as medidas possíveis para se conseguir dos bancos essa redução.

O vice-presidente da República destacou a importância das medidas que serão propostas no Plano Plurianual (PPA) que será anunciado hoje pelo governo, mas fez questão de frisar que não se trata de resposta às manifestações populares contra a política econômica do governo, que culminaram na marcha à Brasília na semana passada.

"Este programa de investimentos,

que prefiro chamar de Avanço Brasil, é resultado de uma discussão de alto nível que vem sendo feita há meses dentro do governo, com apoio de consultorias internacionais. Não foi feito por causa da manifestação de forma alguma", afirmou.

Segundo Marco Maciel, ao contrário das previsões feitas no início do ano, após a desvalorização cambial, o Brasil vai fechar o ano com crescimento econômico. "Até julho deste ano US\$ 17 bilhões ingressaram no País, o que significa que poderemos superar a marca de ingressos do ano passado, que foi de US\$ 27 bilhões", previu.